

RESENHA

**LEITE, Leni Ribeiro. *Épica II: Ovídio, Lucano e Estácio*.
Campinas: Unicamp, 2016. 111 p.**

Matheus Trevizam

Faculdade de Letras

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

mattrevi2017@gmail.com

Nesse volume, a autora estuda um dos gêneros literários de maior sucesso nas Letras antigas: a épica, que nos legou textos como a *Ilíada* e a *Odisseia* de Homero, além da *Eneida* de Virgílio, sem nos esquecermos de outros poemas menos “frequentados”. Justamente, inserindo-se em uma coleção acolhida pela Editora da Unicamp (*Bibliotheca Latina*), a qual se ocupa de desvendar para o público de estudantes de Letras, sobretudo, os meandros de várias tipologias genéricas antigas, esta obra de Leni Ribeiro Leite tem o mérito de focalizar-se em poetas/produções razoavelmente “eclipsados”, em Roma, pela *Eneida* virgiliana.¹ Com isso, ao dedicá-la, em sua maior parte, a poetas como Ovídio (*Metamorfoses*), Lucano e Estácio, a autora oferece ao público de língua portuguesa a rara oportunidade de encontrar, em seu idioma, uma obra introdutória, mas voltada por inteiro a elucidar parte da produção literária antiga algo preterida nas discussões críticas.

No capítulo 1 (“A poesia épica”), Leite discute aspectos fundamentais para o entendimento do que é uma obra épica. Depois de ressaltar que sempre houve relativa flexibilidade nas definições das tipologias literárias antigas e na classificação/partição das obras entre elas – pois até Aristóteles (que pende pelo emprego de critérios

¹ Para a abordagem da épica romana até Virgílio, cf. VASCONCELLOS, P. S. *Épica I: Ênio e Virgílio*. Campinas: Unicamp, 2014. (Coleção Bibliotheca Latina).

“conteudísticos” para classificar poemas – p. 16) e Quintiliano (que se serve, decididamente, dos metros, com o mesmo propósito – p. 17) estão em desacordo sobre tais pontos –, a autora elenca, nesse capítulo, os traços que julga esperados em um poema épico (emprego da *propositio* no começo das obras; início *in medias res*; repetições de estruturas, “denunciando” as origens orais da épica etc. – p. 19-20).

A existência de semelhante “feixe” de traços, a definir aproximadamente o que seria um poema épico, não deve levar à constatação, porém, segundo observa Leite (p. 20), de que divisamos na épica uma tipologia rígida, cujos “espécimes” antigos não variaram em forma e sentidos ao longo do tempo. Desse modo, os romanos lograram criar a espécie intragenérica da “épica histórica”, distanciando-se do uso grego de tematizar o mito no âmbito de obras afins à *Iliada* e à *Odisseia*, por exemplo; além disso, mesmo quando seguiram de perto modelos épicos convencionalmente míticos – caso de Valério Flaco, autor de *Cantos argonáuticos*, séc. I d.C., em diálogo com Apolônio de Rodes, séc. III a.C. –, os autores latinos introduziram adaptações e aclimatações do legado helênico a sua própria cultura e época (p. 25). Comentários sucintos, porém incisivos, sobre os *Punica*, de Sílio Itálico – séc. I d.C. –, e sobre *De raptu Proserpinae*, de Claudiano – séc. IV-V d.C. –, encerram o primeiro capítulo da obra resenhada, no segundo caso como exemplo adicional de épica pós-*virgiliana*, com teor mítico; no primeiro, exemplificando um típico poema épico de conteúdo histórico (p. 24-30).

No capítulo 2 (“A antiepopéia? *Metamorfoses* de Ovídio”), Leite examina o que corresponde, para os críticos, à perplexidade diante dos traços constitutivos das *Metamorfoses* ovidianas. Assim, se ninguém, hoje em dia, negaria afiliações épicas a tal texto (p. 38), a forma dessa obra extensa (em 15 livros), que se identifica, basicamente, com uma sucessão ininterrupta de mitos variadíssimos, mais ou menos encadeados e vazados através do metro hexâmetro datílico, evidencia importantes diferenças quanto aos modelos épicos mais recorrentes. Faltam à obra, então, a delimitação episódica da narrativa – pois *Metamorfoses* cobre a “mitistória” do mundo desde sua origem até os tempos de Júlio César –,

uma figura unificadora de herói, um fio condutor independente da ideia das transformações por que tudo passa etc. (p. 31-32).

Contudo, a autora destaca que traços das *Metamorfoses*, como o uso preponderante da temática mítica, a busca de motivações etiológicas e o recurso à estrutura do “catálogo”, em que se agrega espantosa soma de elementos, não eram, absolutamente, estranhos a textos tidos como épicos no mundo antigo, a exemplo, além das obras de Homero e Virgílio, também dos poemas hesiódicos (p. 38-41). A continuidade do capítulo aborda os assuntos das relações entre Ovídio e Virgílio (p. 41-42), daquelas entre Ovídio e o ideário oficial augustano (p. 42-44) e algumas razões para a popularidade desse poeta, ainda no século XXI. Diga-se também que as análises da autora revelam, apesar de sucintas, importantes aspectos a diferenciarem a contribuição épica de Ovídio daquela do autor da *Eneida*, pois, inclusive, o primeiro “lida com Virgílio da mesma forma que ele lida com muito da tradição poética latina: de forma irreverente” (p. 42).

O terceiro capítulo da obra sob exame (“A epopeia histórica: Lucano, *Farsália*”) focaliza o que corresponde, talvez, ao espécime atualmente mais conhecido da épica histórica latina, ou seja, a *Farsália* de Marco Aneu Lucano (séc. I d.C.). Tal obra descreve os eventos a envolverem a sangrenta guerra civil entre Júlio César e Pompeu Magno, como nos faz lembrar Leite, distribuindo seus sucessivos episódios ao longo dos dez cantos do poema (p. 47-49). Em seguida, a autora destaca detalhes atinentes à assumida “romanidade” dessa épica, com sua escolha por retratar um momento fulcral da história pátria, a própria indicação do imperador Nero, não de Apolo ou das Musas, como inspirador do texto, o “racionalismo” que ausenta quaisquer deuses de intervenções diante dos eventos etc. (p. 50).

Também interessam, nesse mesmo capítulo, as colocações de Leite sobre o que seria o tema central da *Farsália* – a dissolução da República romana, resultado da perda de valores morais pelos dirigentes (p. 51-52) –, sobre a desalentadora falta de um herói de primeiro plano nessa epopeia, pois tanto César quanto Pompeu se mostram negativamente caracterizados (p. 52), sobre uma violência descritiva

que, embora notória, não caracteriza apenas o texto lucaniano, no cotejo com as “cruas” imagens bélicas de Homero e Virgílio (p. 53). Por fim, o caráter literário, além de histórico, da *Farsália* evidencia-se, entre outros motivos, por Lucano buscar diálogo intenso, e de maneira crítica, com a tradição, como quando evoca, através da morte de Pompeu, aquela do rei Príamo no canto II da *Eneida*.

O capítulo IV (“A epopeia virgiliana e seus frutos: *Tebaida* e *Aquileida*”) aborda uma produção menos ventilada nos meios acadêmicos que Ovídio e a controversa épica lucaniana. Trata-se dos poemas épicos, de tema mítico, identificados com a *Tebaida* e a *Aquileida* de Estácio, autor que viveu sob a dinastia flaviana. Na *Tebaida*, para Leite, unem-se traços afins à *Farsália* – basta lembrar que o assunto da obra é uma guerra civil entre Etéocles e Polinices pelo domínio real de Tebas – e à *Eneida* – com a retomada alusiva de muitas cenas dessa obra pregressa –, como se o autor, ciente dessas duas vertentes épicas já consolidadas em seu tempo, no seio da literatura pátria, tivesse desejado dialogar com ambas (p. 66-68).

Depois de propor que a interpretação política da *Tebaida* não precisa identificar-se com meras ideias sobre o posicionamento de Estácio quanto ao governo de Domiciano e de ressaltar a ambiguidade da caracterização de certas personagens da obra, como Teseu (p. 69), Leite descreve sucintamente a incompleta *Aquileida* (p. 71-72). Nesse poema sobre a vida de Aquiles, do qual agora dispomos em apenas dois cantos, entrevê-se, é provável, importante influxo das concepções literárias do Ovídio das *Metamorfoses*, incorporando-se dele tons capazes de tornar a *Aquileida* uma “épica leve, romântica e bem-humorada” (p. 71). Desse modo, o espectro compositivo de Estácio foi vasto no terreno épico, o que talvez explique o evidente sucesso de seu legado até o Renascimento (p. 72).

Seguem-se à totalidade desses capítulos uma Conclusão, na qual Leite explicita (p. 75) ter desejado, com a escrita de seu livro, “demonstrar de que forma os sucessores de Virgílio adaptaram suas técnicas e seu material na composição de seus próprios poemas épicos [...]”, uma Bibliografia [crítica] comentada (p. 79-86), uma Pequena

antologia bilíngue (latim-português) de trechos dos poemas analisados (p. 87-105) e a Bibliografia geral (p. 107-111).

Destacamos, em *Épica II*, além do ineditismo de uma obra especializada sobre tais conteúdos, em nossa língua, a “mão segura” da autora, que conduz o público com erudição e foco para a meta de esclarecer as peculiaridades da épica romana posterior a Virgílio. Ao mesmo tempo, qualidades de linguagem/escrita, como a clareza e a precisão comunicativas, assumem significados verdadeiramente pedagógicos nessa obra introdutória. Dessa maneira, a inegável densidade e relevância cultural do(s) tema(s), unidas a uma forma expressiva leve e eficaz, contribui para tornar *Épica II* obra útil para minimizar esquecimentos e preconceitos contra um legado artístico, insistimos, comparativamente pouco (re)visitado e conhecido pelos modernos.

Recebido em 27 de junho de 2017.

Aprovado em 27 de outubro de 2017.